

**O USO DA SALSAPARRILHA (*Herreria salsaparrilha* Mart.-Herreriaceae) PARA
CONFECÇÃO DE ARTESANATO NO MUNICÍPIO DE CORUMBÁ, MS¹**

JULIANA MAGALHÃES ALVAREZ² e IEDA MARIA BORTOLOTTI³

RESUMO: O objetivo deste trabalho foi resgatar o conhecimento de um grupo de artesãos no município de Corumbá, MS, sobre o uso da salsaparrilha (*Herreria salsaparrilha* Mart.-Herreriaceae) para o aproveitamento das fibras na confecção de artesanato. A metodologia utilizada foi o estudo etnográfico, com observação participante e uso de questionário. A planta pode ser encontrada nas áreas de morraria calcária da área urbana e proximidades, cuja vegetação é caracterizada por matas decíduas. Somente os caules com coloração castanho-escuro são extraídos. Os caules apresentam nós bem desenvolvidos, efetua-se o corte acima de um desses nós para que depois ocorra a rebrota. Os artesãos utilizam um determinado local e só voltam a explorá-lo após cerca de quatro anos. As peças artesanais mais confeccionadas são cestos. A renda mensal dos artesãos varia durante o ano, chegando a R\$ 500,00. A redução das áreas com vegetação nativa, por causa de desmatamentos e queimadas, e a raridade da planta na mata são aspectos que comprometem a ampliação da atividade nas áreas já exploradas, além do grupo de artesãos estudado. Eles conhecem práticas de manejo conservacionista (cortes visando à rebrota e rodízio de exploração da matéria-prima). Existe a necessidade de medidas para conservação desse tipo de vegetação.

¹ Parte da monografia de conclusão de curso da primeira autora.

² Bióloga. Rua Paraná, nº 12. Popular Nova. 79321-070, Corumbá, MS.

³ Professora do Departamento de Ciências do Ambiente, Campus de Corumbá – UFMS. Av. Rio Branco, nº 1.270. 79300-000, Corumbá, MS. Correio eletrônico: ieda@ceuc.ufms.br.

**USE OF "SALSAPARRILHA" FIBER TO MAKE HANDICRAFTS IN
CORUMBÁ, MS, BRAZIL**

ABSTRACT: The aim of this paper was to rescue the knowledge of workmanship in Corumbá – MS Brazil, on the use of “salsaparrilha” fiber (*Herreria salsaparrilha* Mart. – *Herreriaceae*) to make handicrafts. Ethnographic methods were used. The method included interviews with the people using questionnaires and participant observation. This species is a vine found in the deciduous forest growing mainly over calcareous soils in Corumbá and nearby places. Only the brownish stems with well developed nodes are collected by the workmanship. The stems are cut over the nodes to permit the growing of a new shoot. Each collecting site is exploited every four years. Baskets are the main kind of handcraft made with the fibers. Each workmanship can earn monthly up to five hundred "Reais" with this work. The reduction of the *Herreria salsaparrilha* habitat by the deforestation and fire, besides the low number of individuals normally found inside the forest are the main aspects that complicate the enlargement of this activity beyond the observed workmanship group. To maintain this activity, preservation of the deciduous forest around Corumbá and nearby places is very important.

INTRODUÇÃO

Entre os vegetais são freqüentes os que produzem fibras de diversos tipos utilizadas pelo homem desde a antiguidade. Plantas têxteis são aquelas que o homem selecionou em virtude da abundância ou das propriedades especiais das suas fibras, para a produção de artefatos, como tecidos, vassouras, tapetes, cestos, peneiras, chapéus e redes. Embora existam fibras de origem mineral, vegetal e animal, as vegetais são as mais importantes para a indústria. Há uma subdivisão de acordo com a parte do vegetal de onde procede o material usado: caule, raízes, folhas e sementes (Medina, 1959; Ferri, 1976; Rizzini e Moors, 1976).

A necessidade da industrialização das fibras vem a ser um dos principais setores de atividades industriais e de ocupação do homem, tendo o consumo aumentado de acordo com o crescimento da população mundial e, também, pelas suas inúmeras utilidades (Medina, 1959).

Em geral as tribos da América do Sul fazem uso das fibras de palmeiras que constituem o material mais apropriado e disponível (O' Neale, 1987). Essa autora destaca que dependendo do local, como no leste do Brasil, empregam-se quase que exclusivamente fibras de bromeliáceas, enquanto que em outros locais também faz-se uso das fibras de cipós e raízes aéreas, da taquara e folhas de cana-de-açúcar. Os índios da América do Sul que vivem nas florestas tropicais são detentores de técnicas que fazem com que a coleta e o cultivo possam ser altamente desenvolvidos (Lévi-Strauss, 1987).

São muitos os vegetais existentes no Brasil que possuem valor econômico, entre os produtores de fibras, como o algodão (*Gossypium hirsutum* L.), coco (*Cocos nucifera* L.), juta (*Corchorus capsularis* L.), linho (*Linum usitatissimum* L.), rami (*Boehneria nivea* (L.) Gaud.) e sisal (*Agave sisalana* Perrine) (Rizzini e Moors, 1976).

No Pantanal Mato-Grossense existem inúmeras plantas que fornecem fibras, como: ariticum-do-mato (*Rollinia emarginata*), pindaíva (*Xylopia aromatica*), cipó-de-leite (*Forsteronia pubescens*), (*Philodendron imbe*), paratudo (*Tabebuia aurea*), embiruçu (*Pseudobombax longiflorum*), gravateiro (*Bromelia balansae*), algodão

(*Gossypium barbadense*), buta (*Cissampelus pareira*), figueira-de-folha-miúda (*Ficus luschnathiana*) e outros (Pott e Pott, 1994).

Os índios Guató⁴ fazem uso da palmeira acuri (*Scheelea phalerata*) porque, além de outras utilidades, serve para proteger os aterros da ação das chuvas, para a subsistência, matéria-prima para a confecção de artefatos e preparo de bebidas, realizando o seu manejo ambiental (Oliveira, 1999).

Em Albuquerque, distrito de Corumbá, MS, também no Pantanal, a população local faz uso do pecíolo do camalote (*Eichhornia crassipes* (Mart.) Solms-Pontederiaceae) para a confecção de artesanato que vem a ser uma fonte de renda para a comunidade que vive do turismo e da pesca (Bortolloto e Guarim Neto, 1999).

Fazer o resgate do conhecimento acumulado por comunidades humanas, principalmente, com relação ao uso de fibras, tem uma grande importância para que não se percam informações acumuladas há tempos e, também, procurar proteger áreas de onde se realiza a extração da matéria-prima. De acordo com Alho (1999), um princípio importante para a defesa do extrativismo é o da proteção da biodiversidade e dos ecossistemas. A atividade extrativista precisa ser estimulada e seus produtos valorizados para que o desenvolvimento social e econômico chegue às comunidades das florestas, garantindo assim proteção para grande parte da biodiversidade.

Existem ainda poucos estudos sobre o aproveitamento de fibras por comunidades humanas no Pantanal. Na “Casa do Artesão” em Corumbá, Mato Grosso do Sul, são comercializados diversos produtos artesanais confeccionados com fibras vegetais, tais como a cestaria de salsaparrilha. Esse trabalho é realizado por um grupo de pessoas que sobrevive dessa atividade. Não há registro na bibliografia consultada sobre o aproveitamento da salsaparrilha (*Herreria salsaparrilha* Mart.) no Pantanal, sendo importante o seu estudo.

Este trabalho teve por objetivo resgatar as informações sobre a confecção de artesanato a partir das fibras da salsaparrilha (*Herreria salsaparrilha* Mart.-Herreriaceae) de um grupo de artesãos da “Casa do Artesão” em Corumbá, MS.

⁴ Grupo indígena do Pantanal Mato-Grossense.

MATERIAIS E MÉTODOS

ÁREA DE ESTUDO

O município de Corumbá, MS é compreendido entre os paralelos 16° e 20° S e os meridianos 54°00'00" S e 60°06'46" W e detém a maior área de terra do Pantanal, sendo que a maior parte está situada em zona baixa, enquanto que a cidade encontra-se na zona alta (Allen e Valls, 1987).

Os solos de Corumbá são formados sobre rochas calcárias, constituídos de sedimentos calcários, dolomitos, folhelhos, arenitos e siltitos, ocorrendo intrusão de sílica quando a rocha calcária apresenta fendas. A profundidade dos solos varia de raso a profundo com constantes afloramentos rochosos, com textura média argilosa (Valverde, 1972; Cunha, 1985)

O clima da região é do tipo quente com semestre de inverno seco do tipo AW, segundo a classificação de Köppen; as temperaturas máximas ocorrem no mês de janeiro, com médias de 28°C e 29°C e, as mínimas, em julho, com médias de 17°C no sul e 22°C no norte, com precipitação que varia entre 1.000 mm e 2.000 mm (Adámoli, 1982; Allen e Valls, 1987).

As matas decíduas dos afloramentos calcários em Corumbá e as áreas de transição Chaco-Pantanal são contínuas às matas semidecíduas e decíduas da Bolívia. Killen, Estigarribia e Beck (1993) denominam essa vegetação de bosque semidecíduo chiquitano, considerando-a como transição entre a Amazônia e o Chaco

Segundo Juracy (1990), a rápida ocupação humana nos morros situados na porção sul da cidade de Corumbá causa a descaracterização da vegetação nesses locais e torna baixa a expectativa de sua conservação. Esse autor destaca que essa ocupação, além de causar danos à vegetação da mata calcária (floresta estacional decidual) dos morros que existe em pequena quantidade no Estado, torna as condições microclimáticas desconfortáveis para os habitantes e pode levar à ocorrência de erosões.

A SALSAPARRILHA

Segundo Dahlgren, Clifford e Yeo (1985), o gênero *Herreria* ocorre em áreas temperadas e subtropicais da América do Sul. *Herreria salsaparrilha* é comum em muitas florestas do Nordeste do Brasil.

De acordo com Corrêa (1976), *Herreria salsaparrilha* Mart., conhecida popularmente como “salsaparrilha verdadeira” pode ser encontrada da Bahia até São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. É uma planta volúvel, com raízes espessadas, tuberiformes, alongadas e caules cilíndricos, lenhosos, armados de pequenos espinhos; folhas reunidas em rosetas espaçadas, lanceoladas ou oblanceoladas, sésseis, agudas ou obtusas no ápice e atenuadas para a base, glabras, de 7 a 10 cm de comprimento e 2 a 5 cm de largura; flores pequenas, formando panículas; fruto cápsula com sementes aladas. As raízes são usadas na medicina popular como sudoríficos, no tratamento de doenças da pele, gotosas, na sífilis e no reumatismo.

METODOLOGIA

A metodologia baseou-se em uma pesquisa do tipo etnográfica (André, 1995), com a observação participante, entrevista e a análise de documentos completando as informações. Houve interação com o grupo pesquisado, bem como a preocupação com a ênfase no processo e com o significado das informações obtidas.

As entrevistas foram dirigidas a um grupo de três artesãos da “Casa do Artesão”, em Corumbá. A primeira ação consistiu em explicar aos artesãos o objetivo da pesquisa e buscar o auxílio deles para a realização do trabalho.

As entrevistas foram baseadas em questionário semi-estruturado. As perguntas feitas envolveram os nomes dos entrevistados, idade, local e tempo de trabalho; a remuneração, as horas gastas com a atividade, o aprendizado da técnica e o seu repasse a outros artesãos, locais de coleta, viabilidade econômica do artesanato e conhecimento sobre o manejo da planta na mata. No decorrer do trabalho, esse questionário foi

substituído por um diálogo livre, onde os artesãos ficaram à vontade para falar do seu trabalho.

O acompanhamento do trabalho de coleta da salsaparrilha foi numa mata localizada no bairro Aeroporto, situado próximo à morraria calcária da Bocaina, indo em direção a Bolívia, durante o mês de abril, e um na Bolívia, município de Quijarro, na “Estação Paradeiro”, onde a vegetação é semelhante. A salsaparrilha foi coletada e incorporada ao herbário COR.

No final do mês de julho e início de agosto, foi possível aprender algumas das técnicas da confecção do artesanato na “Casa do Artesão”, acompanhando os trabalhos realizados pelos artesãos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Luís Augusto Ferreira (42 anos), Angelino Ferreira e Davi Ferreira Nasario (32 anos) são três irmãos que trabalham com artesanato na “Casa do Artesão” utilizando *Herreria salsaparrilha* como matéria-prima.

O aprendizado deu-se pela observação de uma índia boliviana, que ensinou a técnica à avó dos artesãos em Corumbá, quando eles ainda eram crianças. Eles aprenderam a confeccionar dois tipos de cestas e o restante dos modelos eles mesmos desenvolveram pela própria criatividade.

Eles coletam a matéria-prima nas matas decíduas e semidecíduas dos municípios de Corumbá e Ladário e parte da Bolívia.

São gastas cerca de trinta e duas horas mensais nas coletas. A característica que os artesãos apreciam é se a planta está bem copada, que vem a indicar que é a ideal para a confecção do artesanato, desde que a planta não esteja com o caule apresentando uma coloração esverdeada e sim castanho-escura (maduro). O caule com coloração esverdeada torna-se quebradiço, não apropriado para a confecção do artesanato. Em agosto e setembro é possível trabalhar mesmo com o caule estando verde, porque ele não murcha e não se torna quebradiço.

O acesso aos locais de coleta é feito através de pequenas trilhas abertas com facões. Faz-se então a procura por plantas que sejam bem copadas, com caule apresentando em torno de dois centímetros de espessura, o que é raro, e uma coloração castanho-escuro. Para um caule que apresenta essa medida de espessura adquirir essa coloração leva de dois a três anos.

Os caules são cortados com o auxílio de facão e agrupados em feixes, amarrados com finos cipós retirados da própria mata. Esses feixes vão sendo amontoados, perto de uma árvore, para facilitar mais tarde a visualização, com o retorno ao local, quando os feixes são arrastados e levados para fora da mata.

Uma das dificuldades encontrada pelos artesãos é exatamente a passagem do material coletado no interior da mata. Outra dificuldade, é a escassez de material e a sua identificação na mata pelo fato de terem perdido as folhas com a chegada do outono. Nessa época, a identificação é feita pelo caule, sua coloração e seus nós bem desenvolvidos. As folhas começarão a brotar novamente em outubro. Observou-se durante as coletas, que havia uma grande quantidade de mosquitos; entretanto, os artesãos não consideraram isso uma dificuldade.

Em alguns caules dessa planta aparece um tipo de broca (designação comum a todos os insetos, adultos ou larvas e lagartas, que corroem ou perfuram a madeira e outros objetos) que estraga o material. De acordo com o Senhor Luís, existe um pequeno inseto que abre canais dentro da madeira onde foi observada a presença de pequenos ovos. Segundo ele, isso não é um grande problema por atacar poucas plantas.

Os artesãos já observaram o local da raiz da salsaparrilha cavado e com sinais de consumo. Por essa observação ter sido num local afastado dentro da mata, é provável que tenha sido feita por algum animal. Eles não retiram a raiz da planta para comercialização, apesar de ela ter potencial como medicinal. Em Campo Grande, MS, índios e raizeiros⁵ comercializam a raiz da salsaparrilha, e em Corumbá, esta é comercializada somente por raizeiros. A raiz é suculenta e possui um sabor amargo; ela é utilizada para purificar o sangue e é extraída da região de Corumbá e de perto

⁵ Raizeiros são pessoas que comercializam plantas medicinais em feiras livres.

das serras de Aquidauana, MS. Obteve-se também, a informação de que há uns vinte anos a salsaparrilha era utilizada numa pomada chamada “Beladona”. De acordo com Corrêa (1976), *Herreria salsaparrilha* possui valor terapêutico; a raiz é a parte utilizada como sudorífero, anti-sifilítica, depurativa, anti-reumática e antidermatosa.

A duração da matéria-prima obtida em uma coleta varia conforme a quantidade e o tamanho dos objetos confeccionados. Segundo a Empalhação SENAI de Trabalhos Manuais N°1 (1947), os materiais mais empregados (vime e cipó) variam muito de comprimento, não sendo possível indicar o número necessário de fios para a confecção de uma cesta.

Os caules apresentam nós bem desenvolvidos e durante a coleta efetua-se o corte acima de um desses nós para que, posteriormente, ocorra a rebrota. Segundo o Senhor Luís, muitos indivíduos secam na época em que colocam fogo na morraria próxima e rebrotam com a chuva.

Ressalta-se que os artesãos utilizam um determinado local e só voltam a explorá-lo após cerca de quatro anos, demonstrando conhecimento das práticas de manejo conservacionista (cortes visando à rebrota e rodízio de exploração da matéria-prima). Essas formas de manejo são empíricas, adquiridas pelo contato com a natureza. Posey (1984) mostra que os índios já se preocupavam em realizar manejo nos recursos naturais, pois disso dependia a sua subsistência.

Após toda a coleta, o material é retirado da mata e realiza-se o corte de todos os nós que são deixados no local, com a finalidade de facilitar o transporte na bicicleta, que é o meio de transporte até a “Casa do Artesão”.

O material utilizado pelos artesãos consta de salsaparrilha, madeira compensada, faca com um bom corte, cola para madeira, compasso, agulha confeccionada por eles com aroeira, serra, furadeira elétrica e alicate. Quando necessário utiliza-se anilina para dar cor ao material

Com o compasso é feito um círculo do tamanho desejado na madeira compensada, que servirá de base para a cesta. Efetua-se o corte com a serra e a abertura dos orifícios na borda desse círculo com a furadeira, em um total que seja ímpar, para que o trançado não se remonte. Em geral, isso é feito em série para economizar tempo no momento da confecção.

Depois retiram-se as tiras do caule de salsaparrilha, que, conforme o tamanho da peça a ser confeccionada, podem ser mais grossas ou mais finas e para isso utiliza-se uma faca afiada para não estragar o material. As tiras que permanecem verticalmente no cesto são espessas e adquirem um formato arredondado. As suas pontas são afinadas para facilitar a introdução nos orifícios da madeira compensada. As tiras que ficarão na horizontal são finas e achatadas e denominadas pelos artesãos de palha.

A base da cesta pode ser tanto de madeira como do próprio material do qual a cesta será confeccionada. Quando a base é de madeira, abrem-se orifícios da grossura do material que neles serão introduzidos, sendo que as hastes verticais ou raios são conhecidos como prumadas ou plantadas. Estas devem ser pelo menos duas vezes mais grossas que as hastes que ficam na horizontal e que são chamadas de fios. Essa técnica é descrita na Empalhação SENAI de Trabalhos Manuais N^o1 (1947).

Após as tiras já prontas, elas são introduzidas nos orifícios de forma que uma tira ocupe dois desses orifícios e fiquem com as pontas na mesma altura. Essas tiras são puxadas para fora para que o cesto comece mais estreito e vá se alargando conforme o término.

Com as tiras mais finas (palha) é realizado um trançado que O' Neale (1987) classifica como sendo do tipo cruzado ou xadrezado. O Senhor Luís relatou que 90% do artesanato é confeccionado com o tipo de trançado xadrezado. Observou-se, também, a confecção de artesanato com um trançado que conforme O' Neale (1987) é do tipo sarjado.

Segundo os artesãos, o acabamento (remate) é feito de acordo com o modelo da cesta. As fibras da salsaparrilha possuem uma coloração bem clara, próxima ao creme. Quando o material coletado não é logo utilizado, ele fica velho, duro e com uma cor mais escura e é necessário umedecerem as tiras de salsaparrilha em um pouco de água, para que fique maleável.

São gastas oito horas diárias com o trabalho no horário comercial e doze horas quando o artesão leva o serviço para casa. Eles recebem por peças vendidas, sendo que a comercialização aumenta no final do ano por causa do Natal.

Soube-se da existência da comercialização de produtos artesanais também confeccionados com a salsaparrilha no “Mercado dos Poços”, situado em Santa Cruz (Bolívia). Segundo relatos do Senhor Luís, esses produtos não possuem um acabamento tão bom quanto os confeccionados na “Casa do Artesão”.

Cada um dos artesãos trabalha com o que mais gosta de confeccionar. Os cestos pequenos ficam por conta do Davi, aqueles, um pouco maiores, são confeccionados pelo Senhor Angelino, e o Senhor Luís faz cestos grandes e moisés⁶.

Os artesãos não possuem vínculo empregatício com a “Casa do Artesão”; fornecem alguns produtos para o órgão e as demais peças comercializadas constituem os seus lucros.

O Senhor Luís, artesão há 33 anos, trabalha somente com o artesanato e esta é a sua única fonte de renda. O seu ganho mensal, assim como dos demais artesãos, fica em torno de R\$ 500,00, em certas épocas do ano (o salário mínimo vigente⁷ é de R\$ 151,00). Para Davi, artesão há dezesseis anos, a renda adquirida com a comercialização das peças varia durante o ano. Existem épocas em que não se consegue obter nem um salário mínimo, como ocorre no mês de fevereiro, época de crise todos os anos. O melhor período começa em junho, quando chega a obter até quatro salários mínimos, e vai até dezembro.

Aceitam encomendas particulares e quando necessário e possível fazem a entrega domiciliar. Também existem encomendas de outros municípios no Estado. Os produtos são mais comercializados em Campo Grande, MS, no “Mercado Municipal”, e em Corumbá. Possuem um álbum com modelos das peças confeccionadas para facilitar a escolha do cliente.

As técnicas da confecção são ensinadas a outras pessoas em cursos oferecidos na própria “Casa do Artesão” Arnildo Lemos de Camargo, 31 anos, residente no Bairro Guarani, participou de um deles, e trabalha também com esse tipo de artesanato há 15 anos. Ele relatou a crescente dificuldade em encontrar lugares onde exista a salsaparrilha, por causa das inúmeras queimadas. Segundo Camargo, o ganho obtido com a comercialização das peças não é compatível com

⁶ Moisés são cestos próprios para acomodar bebês.

⁷ Em 01 de maio de 2000.

todo o trabalho de coleta e confecção, até mesmo porque as pessoas daqui não dão valor para esse tipo de trabalho, o que faz com que venda as peças abaixo do valor comercializado na “Casa do Artesão”. Ele também envia alguns produtos para Campo Grande, MS e para a Bolívia, para serem comercializados. Os principais compradores são os bolivianos.

Para que os artesãos continuem a explorar a matéria-prima para confeccionar o artesanato e depois comercializá-lo é necessário que ocorra conservação das matas. As técnicas de manejo conhecidas pelos artesãos são importantes para a sustentabilidade dessa atividade.

Segundo Campello et al (1999), o conceito de manejo está associado a um plano com conteúdo técnico, onde se incluem itens de mensuração, incrementos, estrutura da vegetação, assim como a viabilidade técnica, econômica e ecológica da atividade.

As áreas utilizadas pelos artesãos em Corumbá têm sido desmatadas sistematicamente nos últimos anos. Segundo Neimam (1989), o manejo ecológico é a solução mais racional para a exploração dos recursos florestais. Essa metodologia propicia a exploração dos recursos da mata sem lhe causar destruição. Isso é realizado pelos artesãos que extraem a salsaparrilha; eles exploram determinados locais e ao mesmo tempo também tomam cuidado de conservar a vegetação local.

Segundo Alho (1999), para se colocar o extrativismo em prática como alternativa para a conservação dos recursos naturais são necessárias estratégias que satisfaçam a necessidade social e econômica das pessoas da região, assim como realizar a proteção a uma grande parte da biodiversidade. É importante que ocorra a valorização do trabalho dos artesãos que conservam a técnica de “trançar a salsaparrilha”, visando, inclusive, ao aumento do retorno econômico para os trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A salsaparrilha é um exemplo de planta que pode ser utilizada por populações humanas na região, existindo a necessidade de estudos a respeito da capacidade de

suporte das áreas onde ocorre essa espécie e do aproveitamento para outros usos dessa planta, como o medicinal.

A atividade extrativista e o artesanato constituem a única fonte de renda dos artesãos que sabem da necessidade de proteger as áreas por eles exploradas, realizando manejo conservacionista (cortes visando à rebrota e rodízio de exploração de matéria-prima).

As agressões realizadas nas áreas onde ocorre a atividade extrativista como os desmatamentos e queimadas, acabam por reduzir o tipo de vegetação onde *Herreria salsaparrilha* é encontrada. A redução das áreas com vegetação nativa e a raridade da planta na mata comprometem a ampliação da atividade e aporta para a necessidade de medidas conservacionistas para esse tipo de vegetação.

AGRADECIMENTOS

Aos artesãos Luís Augusto Ferreira, Angelino Ferreira e Davi Ferreira Nasario, pelas preciosas informações

Ao Dr. Arnildo Pott (EMBRAPA, CNPQC), pela identificação de *Herreria salsaparrilha* Mart.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADÂMOLI, J. O Pantanal e suas relações fitogeográficas com os cerrados; discussão sobre o conceito de Complexo Pantanal. In: CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL, 32,1981 Teresina. **Anais...** Teresina, Universidade Federal do Piauí, 1982. p. 109-119.
- ALHO,C.J.R. Extrativismo na Amazônia proteção da floresta + benefícios sociais. **Revista Ciência Hoje**, v.25 p. 31-37, 1999.
- ALLEN,A.C.;VALLS,J.F.M. **Recursos forrageiros nativos do Pantanal Mato-Grossense**. Brasília: Embrapa-Cenargem, 1987. 339p. (Embrapa-Cenargem Documento, 8).
- ANDRÉ,M.E.D. **Etnografia da Prática escolar**. Campinas,SP: Papyrus, 1995.. 130p.
- BORTOLOTTO,I.;GUARIN NETO,G.O Uso do "Camalote" (*Eichornia crassipes* (Mart.) Solms-Pontederiaceae) para confecção de artesanato no Distrito de Albuquerque, Corumbá-MS In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 50., 1999, Blumenau. **Resumos...** Blumenau: SBB, 1999. p.287.
- CAMPELLO, F.B.; GARIGLIO, M.A.; SILVA, J.A.; LEAL, A.M.A. **Diagnóstico florestal da Região Nordeste**. 2.ed. Brasília: IBAMA, 1999. 20p.
- EMPALHAÇÃO, estofaria e cestaria. Rio de Janeiro: Editora Gertum Carneiro S/A. 1947. 182p. (Coleção Senai de trabalhos manuais,1).
- CORRÊA,M.P. **Dicionário da plantas úteis do Brasil**. São Paulo: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. 1976. 207p.
- CUNHA, N.G. **Solos calcimórficos de Corumbá**: Corumbá: Embrapa-CPAP, 1985. 34p. (Embrapa-CPAP. Circular técnica, 18).
- DAHLGREN,R.M.T.; CLIFFORD,H.T.; YEO, P.F. **The families of the Monocotyledons, estrutura, evolution, and taxonomy**. Berlin: Springer-Verlag,1985. 520p.

- FERRI, M.G. **Plantas produtoras de fibras**. São Paulo: E.P.U, 1976. 43p.
- JURACY, A.R.M.; **Contribuição ao estudo de educação ambiental na área urbana de Corumbá-MS**. Corumbá: UFMS-CEUC, 1990. 55p Monografia-Graduação
- KILLEEN, T.J.; ESTIGARRIBIA, E.G.; BECK, S.G. **Guia de Arboles de Bolivia**. La Paz: Herbario Nacional de Bolivia/Missouri Botanical Garden, 1993. 958p.
- LÉVI-STRAUS, C. O uso das plantas silvestres da América do Sul Tropical. In: RIBEIRO, D. **Suma etnológica brasileira; etnobiologia**. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes. 1987. v.1, 302p
- MEDINA, J.C. **Plantas fibrosas da flora mundial**. Campinas: Instituto Agrônomo, 1959. 913p.
- NEIMAN, Z.; **Era verde?: Ecosistemas brasileiros ameaçados**. São Paulo: Atual, 1989. 103p.
- OLIVEIRA, J.E. A importância da palmeira Acuri para os índios Guató. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 2., 1996, Corumbá. Manejo e Conservação. **Anais...**Corumbá, Embrapa Pantanal, 1999.
- O' NEALE, L.M. Cestaria. In. RIBEIRO, D. **Suma etnológica brasileira; tecnologia indígena**. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. 448p.
- POSEY, D.A. Introdução etnobiologia: teoria e prática. In. RIBEIRO, D. **Suma etnológica brasileira; etnobiologia**. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes. 1987. v.1, 302p.
- POTT, A.; POTT, V.J. **Plantas do Pantanal**. Brasília: Embrapa-SPI, 1994. 320p.
- RIZZINI, C.T.; MOORS, W.B. **Botânica econômica brasileira**. São Paulo: E.P.U, 1976. 207p.
- VALVERDE, O. Fundamentos geográficos do planejamento do município de Corumbá. **Revista Brasileira de Geografia**, v.34, p.49-57, 1972.